

PEDRO CESARINO

HISTÓRIAS INDÍGENAS dos TEMPOS ANTIGOS

Ilustrações
Zé Vicente

claroenigma

Copyright do texto © 2014 by Pedro Cesarino
Copyright das ilustrações © 2014 by Zé Vicente

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O trecho de *Cantos da mitologia marubo* (pp. 86-8)
foi gentilmente cedido pela Editora 34.

Capa
Rita da Costa Aguiar sobre ilustrações de Zé Vicente

Preparação
Alexandre Boide

Revisão
Víviane T. Mendes
Luciana Baraldi

Tratamento de imagem
M Gallego • Studio de Artes Gráficas

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

*Uma porcentagem dos direitos autorais desta obra é doada para o Programa
de Educação do Centro de Trabalho Indigenista (CTI)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cesarino, Pedro
Histórias indígenas dos tempos antigos / Pedro
Cesarino ; ilustrações Zé Vicente. — 1^a ed. — São
Paulo : Claro Enigma, 2015.

ISBN 978-85-8166-121-6

I. Índios da América do Sul — Brasil — História
— Literatura infantojuvenil. I. Título.

14-08066 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Índios : Cultura : Literatura infantil 028.5
2. Brasil : Índios : Cultura : Literatura infantojuvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA CLARO ENIGMA
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 71
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3531
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO SOBRE AS NARRATIVAS INDÍGENAS	7
1. NHAMANDU E A FORMAÇÃO DO MUNDO (GUARANI-MBYÁ)	15
2. AS HISTÓRIAS DE WANADI E ODOSHA (YEKUANA)	20
3. AS HISTÓRIAS DE KANA VOÃ E KANÃ MARI (MARUBO)	27
4. O SURGIMENTO DE JURUPARI (POVOS DO RIO NEGRO)	32
5. A COBRA-CANOA (DESANA)	38
6. AUKÉ E O SURGIMENTO DOS BRANCOS (CANELA)	42
7. O INCA BENEVOLENTE (SHIPIBO-CONIBO)	48
8. A HISTÓRIA DE WAPAGEPUNDAKA (KALAPALO)	54
9. O Povo DOS FALCÕES GIGANTES (XOKLENG)	62
10. OS FILHOS DE LUA (MATSIGUENGA)	68
11. A HISTÓRIA DE DZAWÔ (KRAHÔ)	72
12. A MULHER ESTRELA (APINAJÉ)	77
13. O CAMINHO DOS MORTOS (MARUBO)	81
 SOBRE O TRABALHO E SUAS FONTES	85
SOBRE OS POVOS INDÍGENAS	92
POVOS DESTE LIVRO	108
LEITURAS E MATERIAIS COMPLEMENTARES	113
SOBRE O AUTOR	117
SOBRE O ILUSTRADOR	119



1.

NHAMANDU E A FORMAÇÃO DO MUNDO

(Guarani-Mbyá, região do Chaco)

No começo do mundo havia uma grande escuridão, naqueles tempos em que o céu e a terra ainda não existiam. Foi aos poucos que surgiu o primeiro demiurgo, Nhamandu, o nosso pai, aquele que tem ouvidos e olhos melhores do que as pessoas comuns. Ele surgiu sozinho, foi se desdobrando de si mesmo. Formou-se ali no escuro, sem pai nem mãe.

Assim que surgiu, Nhamandu fez com seu próprio pensamento um pequeno banco para que pudesse assentar. E fez também as suas duas palmas das mãos. Contam que em uma delas segurava um bastão e, na outra, um ramo de flores. Com o bastão, ele formaria a terra, que até então não existia.

Vestia também um cocar magnífico, um cocar brilhante. Parece que das suas penas saíam flores e que dessas flores surgiu o primeiro beija-flor, que ficava ali, pairando nos ares. Ele deixava escorrer de seu bico um alimento melhor, uma espécie de néctar. Esse alimento saciava completamente Nhamandu, nada mais era necessário além do néctar primeiro.

Tudo ainda estava muito escuro, mas Nhamandu tinha sua própria luz. Era como se fosse um sol que ficava dentro de seu

coração. Era a luz de seu saber, com o qual ele brilhava enquanto estava ali, em meio à ventania dos tempos primeiros. Ele sabia que era necessário formar o céu e a terra que ainda não existiam, mas pensou em antes fazer algo muito mais importante.

Nhamandu se preocupava com as pessoas que surgiriam depois. Queria que seu conhecimento chegasse até os seres humanos e não se perdesse. Para que isso pudesse acontecer, Nhamandu decidiu fazer a fala, mas uma fala elaborada, especial. Essa fala era o seu próprio saber, que vinha de dentro daquele seu sol interior. E esse saber era o amor. Com isso, Nhamandu imaginou que os viventes pudessem viver melhor no futuro. Com a fala e o amor.

Quando sua fala iluminada surgiu, ele passou a fazer outras coisas que seriam importantes para o surgimento do mundo. Começou por formar os outros Nhamandu. A partir de sua sabedoria, fazia outras divindades semelhantes a ele. Os outros Nhamandu são auxiliares de nosso pai, aquele principal que surgiu primeiro. Esses que surgiram depois são chamados de pais das falas melhores, das palavras de conhecimento. Eles cuidam dessas palavras para que não se percam e, também, para que as pessoas não se esqueçam delas.⁴

Depois que a fala melhor estava feita, depois que todos os outros seus semelhantes haviam se multiplicado, o primeiro Nhamandu começou a formar a terra com todo o seu saber. Para isso, pegou o bastão que havia surgido antes, no momento em que havia se desdobrado de si mesmo. Com o seu pensamento, fez com que a terra surgisse bem ali, a partir da ponta desse instrumento mágico.

4. Nessa e em outras passagens, as narrativas costumam fazer referências a coisas e pessoas “melhores” que existiam nos tempos antigos. Isso é comum em muitas narrativas ameríndias, que concebem o mundo em que vivemos como um ambiente deteriorado, marcado pela morte, pela infelicidade e pela doença.



Mas ainda era necessário colocar coisas na terra, que até então era muito nova e estava completamente vazia. No centro do mundo, ele pôs uma grande palmeira azul, indestrutível. E depois posicionou mais quatro palmeiras em cada um dos quatro cantos. Essas primeiras palmeiras serviam para amarrar a terra, para deixá-la estável. Foi assim que o mundo começou a surgir, até que aos poucos ganhasse o aspecto que conhecemos hoje.

Nhamandu passou então a separar o céu e a terra, pois naqueles tempos o céu estava bem aqui próximo do chão e não lá em cima, distante, inatingível. Para isso, Nhamandu empurrou o céu com seu vento. Foi soprando e soprando até que ele se distanciasse da terra e ficasse no alto.

De início, o céu se apoiava sobre três grandes pilares que Nhamandu tinha fabricado. Mas eles não eram suficientes e o céu vivia balançando, como se fosse cair. Por isso, Nhamandu colocou mais quatro pilares, que por fim fizeram com que o firmamento se sustentasse e ficasse quieto. Pronto, agora as duas regiões enfim tinham se separado e a terra podia cada vez mais se transformar!

Não é apenas um o céu que está lá em cima, sustentado por esses pilares. O primeiro Nhamandu fez sete céus colocados uns sobre os outros. São sete céus inflados por seus ventos. Não são todos visíveis aos nossos olhos, mas alguns pajés ainda hoje conseguem visitá-los. Eles conhecem os caminhos que levam para essas partes.

Era melhor esse mundo que começava a existir, não havia doenças, guerras e problemas como no nosso. Conta-se, porém, que uma serpente o estragou. Não se sabe como ela arruinou o que antes era aquela terra melhor, mas é assim que contam os antigos. Essa serpente era outra, diferente das que existem hoje em dia. As que conhecemos são a imagem dessa que vivia no mundo primeiro.

Nesse mundo já existiam muitos dos animais e das entidades que conhecemos, mas eram todos diferentes. As cigarras que hoje cantam também são outras, são imagens daquela que cantava no mundo primeiro. E também o dono das águas de hoje em dia é outro, é uma imagem daquele que existia no mundo primeiro. É possível que os pajés consigam falar com esse dono das águas, mas ele não é mais o mesmo que existia nos primeiros tempos.

Antes tudo era mata fechada, não havia pradarias. Nosso pai então enviou o gafanhoto para que fincasse suas patas traseiras no solo. Ele queria fazer com que passassem a existir os campos, nos quais hoje em dia vivem muitos dos Guarani. Quando o gafanhoto primeiro pousou ali com as suas patas, os campos de repente surgiram. As coisas se transformavam assim naquele tempo, quando a terra ainda era nova. Esses gafanhotos de hoje são outros, são imagens daquele que andava no mundo antigo.

Depois que a terra já estava formada, Nhamandu resolveu se recolher no céu profundo. Deixou por aqui os seus auxiliares, que deveriam cuidar das pessoas para que não se esquecessem de seu conhecimento. Tupã é um deles, um dos principais. Ele guarda o mar e todas as águas. Tupã deve fazer com que o frescor das águas permaneça no coração dos humanos. Foi assim que ensinou Nhamandu, naquele tempo em que o mundo ainda era jovem.